

A GUERRA TRANSBORDOU PARA ALÉM DO CAMPO DE BATALHA

A guerra na Ucrânia transcendeu o mapa tático, expandindo-se em círculos concêntricos de profundidade, tecnologia e geoeconomia. O verdadeiro teste é a vontade política, enquanto a geografia global, do Ártico ao Atlântico Sul, retorna ao centro da competição.

Gabriel Camilli*



Imagem meramente ilustrativa, gerada por inteligência artificial.

A guerra na Ucrânia entrou em uma fase que exige uma mudança na escala com que analisamos o conflito. Um mapa da linha de frente continua sendo indispensável, mas já não é suficiente. Enquanto a Rússia mantém a pressão sobre Donetsk, Zaporizhzhia, Kharkov e Dnipropetrovsk, a Ucrânia intensifica seus ataques cada vez mais profundamente em território russo; as indústrias ocidentais aceleram a integração de drones, inteligência artificial, robótica e *software*; e a Rússia e a China aprofundam corredores econômicos que se estendem até o Ártico. A guerra continua sendo travada nas trincheiras, mas suas ferramentas e efeitos vão muito além delas.

Relatórios divulgados pelo Ministério da Defesa da Rússia descrevem uma pressão distribuída por uma frente extraordinariamente vasta – estendendo-se de Sumy e Kharkov até Kherson, e abrangendo Sloviansk, Kramatorsk, Donetsk, Dnipropetrovsk e Zaporizhzhia.

Nos últimos dias, Moscou reivindicou a tomada de novas localidades, incluindo Vodyanske. Como ocorre com qualquer relatório de uma parte beligerante, os números relativos a baixas e ganhos territoriais devem ser tratados com cautela. No entanto, esses comunicados revelam a natureza da campanha: pressão cumulativa, uso intensivo de drones, guerra eletrônica, fogo de contrabateria e ataques à infraestrutura de apoio ao Exército ucraniano.

LENTIDÃO E ESTAGNAÇÃO

Não estamos testemunhando um grande avanço operacional clássico (como observamos diversas vezes). A guerra progride por meio de infiltrações de infantaria em pequena escala, envolvendo grupos de três ou quatro soldados, da tomada de posições e do acúmulo de vantagens locais. Contudo, seria um erro confundir lentidão com estagnação. A Rússia tenta forçar a Ucrânia a dispersar seu efetivo, munições, defesas aéreas e reservas ao longo de uma frente de mais de mil quilômetros, visando que a soma de pequenos sucessos táticos resulte, eventualmente, em um efeito operacional significativo.

A dependência contínua de recursos tradicionais também serve como lembrete de que a revolução tecnológica não tornou o poder de fogo obsoleto. A Rússia relatou o uso de bombas FAB-3000 no setor de Dnipropetrovsk. Assim, drones e bombas pesadas, algoritmos e artilharia, satélites e trincheiras coexistem no mesmo campo de batalha. A guerra do século XXI não substitui simplesmente as armas do século XX; ela as incorpora a uma nova arquitetura.

UMA SEGUNDA GUERRA

Uma segunda guerra surge aqui: a batalha pela profundidade. Enquanto a Rússia tenta desgastar as forças ucranianas em solo, Kiev busca deslocar o combate para a retaguarda russa. O *Sunday Times* noticiou que drones de fabricação britânica foram utilizados em ataques contra alvos dentro da Rússia. Assim, Volgogrado e Yaroslavl deixaram de ser nomes distantes para integrar o cenário militar do conflito.

O aspecto tecnológico é significativo, mas a dimensão política é, provavelmente, ainda mais relevante. Durante grande parte do conflito, o Ocidente tentou manter uma distinção entre ajudar a Ucrânia a se defender e participar de ataques em território russo. Essa fronteira mudou. Quanto maior a integração de inteligência, navegação, comunicações, *software* e armamentos ocidentais, mais complexa se torna a separação entre a parte que dispara a arma e o sistema que viabiliza o ataque.

O coronel austríaco Markus Reisner alertou que certos ataques em profundidade no

território russo poderiam aproximar-se do que Moscou considera uma “linha vermelha”. Sob uma perspectiva diferente, Douglas Macgregor argumenta que a paciência estratégica da Rússia pode estar se esgotando. Ambas as interpretações introduzem uma variável frequentemente obscurecida pelo fascínio tecnológico: a escalada.

Surge, assim, um paradoxo. A Ucrânia precisa realizar ataques em profundidade no território russo porque enfrenta imensa dificuldade em alcançar um resultado decisivo na linha de frente e possui recursos humanos limitados. No entanto, quanto maior o sucesso dessa campanha – e do envolvimento tecnológico ocidental que a sustenta –, maior o risco de Moscou alterar sua percepção sobre a extensão do envolvimento de certos países da OTAN. Atacar em profundidade confere capacidade, mas também aumenta o risco.

O Mar Negro representa outra manifestação dessa expansão. A Rússia tem atacado embarcações e infraestruturas portuárias utilizadas pela Ucrânia, enquanto Kiev atinge instalações logísticas e energéticas russas. Odessa e Novorossiysk fazem parte de sistemas cuja interrupção gera repercussões muito além do teatro de operações. Do Donbass, passamos aos portos; dos portos, ao Bósforo; e do Bósforo, ao Mediterrâneo e às grandes rotas de navegação global.

TERCEIRA DIMENSÃO

Há também uma terceira dimensão: o novo complexo industrial-militar digital. A Ucrânia tornou-se um laboratório onde sensores detectam, redes transmitem, algoritmos processam, sistemas de comando decidem e atuadores realizam ataques. O antigo vínculo entre observador e atirador está se transformando em uma rede de sensores, inteligência artificial, comunicações e plataformas autônomas.

A expansão de empresas como a Ondas nos permite observar a dimensão industrial do processo: drones, sistemas antidrones, robótica terrestre, vigilância, comunicações e *software* estão começando a se integrar em verdadeiros “sistemas de sistemas”. Não se trata apenas de fabricar uma plataforma, mas de conectar detecção, tomada de decisão e execução em múltiplos domínios.

Tanques, aeronaves, artilharia e munições continuam indispensáveis; no entanto, uma nova camada de *software*, inteligência artificial, sensores, comunicações, robótica e autonomia cresce sobre essa base. A revolução não reside no drone em si; o drone é simplesmente um de seus atuadores. A transformação decisiva reside na rede que conecta o sensor ao tomador de decisão, e este à arma.

Contudo, nenhuma tecnologia elimina a política. Recentemente, Mykhailo Fedorov, figura

central na digitalização da Ucrânia e na integração de drones ao esforço militar, defendeu a realização de eleições e falou sobre uma crise de governança. Para além da disputa específica, sua intervenção serve como um lembrete de que a guerra também possui uma dimensão política.

COLAPSO IMINENTE?

O sistema ucraniano está à beira do colapso? Este episódio introduz uma dimensão que nenhuma análise estratégica deve ignorar: a profundidade de uma nação não é definida apenas por quilômetros, fábricas, depósitos e usinas de energia. Ela também é moldada pela legitimidade, coesão política, moral social, confiança nas instituições e pela vontade de continuar a guerra.

Aqui, retornamos a Clausewitz. Depois de mais de quatro anos de conflito, a questão não é apenas quem possui mais drones, projéteis ou soldados, mas sim qual sistema político, econômico e social consegue sustentar a conversão desses recursos em uma vontade efetiva de lutar pelo maior período de tempo.

Há ainda um âmbito mais amplo. À medida que o Ocidente exerce pressão militar, tecnológica e econômica sobre a Rússia, Moscou aprofunda seus laços com a China. A Rota do Mar do Norte faz parte dessa transformação: Pequim busca diversificar corredores, enquanto a Rússia visa expandir suas conexões com a Ásia. O Ártico está longe de substituir Suez, mas a direção do movimento é estrategicamente significativa.

As sanções destinadas a isolar a Rússia criam, simultaneamente, incentivos para uma integração mais profunda com a Ásia. Uma guerra geograficamente concentrada no Leste Europeu contribui, assim, para remodelar os corredores econômicos e os cálculos estratégicos que abrangem a Eurásia e alcançam o Oceano Ártico.

CÍRCULOS CONCÊNTRICOS

Podemos analisar a guerra em termos de círculos concêntricos. O primeiro é o Donbass, onde os soldados combatem. O segundo abrange a profundidade operacional: depósitos, ferrovias, portos, infraestrutura energética, postos de comando e fábricas. O terceiro representa a profundidade estratégica da Rússia: Volgogrado, Yaroslavl e Moscou. O quarto inclui Londres, Washington e o complexo ocidental que fornece inteligência, drones, comunicações, *software*, satélites e capital. Por fim, há o sistema global: China, Rússia, Ártico, Ormuz, Suez e as principais rotas de energia.

Uma dimensão atravessa todos esses círculos: a política e o elemento humano. Liderança, legitimidade, coesão, moral e vontade determinarão, em última análise, se a capacidade material pode ser transformada em poder efetivo.

Essa perspectiva também oferece uma lição para a Argentina. À medida que rotas alternativas, estreitos e corredores recuperam importância, a geografia volta a ser valiosa. O Atlântico Sul, as passagens interoceânicas, as Malvinas e a projeção antártica não são espaços periféricos, mas componentes de um sistema global em transformação. O Estreito de Magalhães, o Canal de Beagle, o Cabo Horn e a Passagem de Drake ligam o Atlântico e o Pacífico na extremidade sul do continente. Isso não ocorre porque a guerra na Ucrânia provavelmente se deslocará para lá, mas porque o conflito demonstra que pontos de acesso, rotas, recursos e profundidade geográfica são, mais uma vez, centrais para a competição internacional.

LIÇÃO PRINCIPAL

A lição principal pode ser resumida em uma única frase: a guerra expandiu-se para além do campo de batalha. Dimensões de profundidade – física, tecnológica, industrial, política e geoeconômica – estão começando a se sobrepor. Seria prematuro interpretar os ataques ucranianos em território russo como prova de uma mudança que pende a balança a seu favor, ou encarar cada avanço russo como evidência de uma vitória estratégica inevitável. A questão decisiva é quem consegue melhor transformar sucessos táticos em efeitos operacionais e esses efeitos em resultados estratégicos.

A Rússia tenta converter a pressão na linha de frente no desgaste das capacidades militares da Ucrânia. Kiev busca utilizar ataques de longo alcance para degradar a logística, a infraestrutura energética e a indústria bélica russas. O Ocidente visa aproveitar sua superioridade tecnológica e financeira para gerar a capacidade militar necessária para sustentar a Ucrânia. Moscou, por sua vez, responde à pressão ocidental fortalecendo laços econômicos e estratégicos com a China e outros parceiros asiáticos. No entanto, na base de todas essas capacidades, permanece um fator decisivo: a disposição das sociedades e de seus líderes em empenhar efetivos, recursos e legitimidade no esforço de guerra.

Essa é, talvez, a verdadeira batalha. Um pequeno esquadrão de infantaria no Donbass, uma bomba FAB-3000, um drone britânico rumo a uma instalação russa, um navio atacado no Mar Negro, uma empresa integrando robôs e algoritmos e um navio de carga atravessando o Ártico – esses eventos podem parecer díspares, mas fazem parte da mesma transformação estratégica.

A guerra na Ucrânia começou como um conflito territorial. Hoje, é também uma guerra de profundidade, indústria, tecnologia, rotas de suprimento, política e vontade. Tornou-se um laboratório para a guerra do século XXI. E, justamente por isso, seu desfecho provavelmente não será decidido apenas no mapa da Ucrânia.

Publicado no [La Prensa](#).

****Gabriel Camilli** é coronel mayor da reserva do Exército Argentino, formado Oficial de Infantaria pelo Colégio Militar de La Nación. Além de mestre em Assuntos Militares pela Universidade do Norte, possui licenciatura em Relações Públicas e Institucionais pela UADE. Fluente em inglês e italiano e com boa comunicação em alemão, possui ampla experiência, tendo participado ativamente em mediações e negociações no âmbito da ONU, além de atuar como representante da Argentina junto a missões diplomáticas e negociações entre empresas alemãs, suecas e austríacas. Atualmente é diretor do Instituto ELEVAN.*
